



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

JACKSON DE SÁ MENDES

PREVENÇÃO DAS DROGAS: papel da comunidade escolar

**ITAPORANGA – PB
2014**

JACKSON DE SÁ MENDES

PREVENÇÃO DAS DROGAS: papel da comunidade escolar

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em Convenio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em a exigência para obtenção do grau de especialização.

Orientador: Prof. Francisco Diniz Meira

**ITAPORANGA – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M538p Mendes, Jackson de Sá
Prevenção das drogas [manuscrito] : papel da comunidade escolar / Jackson de Sá Mendes. - 2013.
36 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2013.

"Orientação: Prof. Ms. Francisco Diniz de Andrade Meira, Departamento de Educação".

1. Educação. 2. Ambiente escolar. 3. Drogas na adolescência. I. Título.

21. ed. CDD 370.1

JACKSON DE SÁ MENDES

**PREVENÇÃO DAS DROGAS: PAPEL DA COMUNIDADE
ESCOLAR**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização “Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares”, da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em: 19 / 07 / 14

BANCA EXAMINADORA

Francisco Diniz de Andrade Meira
Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira - Orientador
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Soraya Maria Barros de Almeida Brandão
Profa. Me. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão – Examinadora
Universidade estadual da Paraíba – UEPB

Iris Maria Barbosa Alves
Profa. Me. Iris Maria Barbosa Alves – Examinadora
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Ao Senhor, Deus da vida e do amor,
dedico esta pesquisa no intuito de servir
melhor aos meus irmãos.

AGRADECIMENTO

Expresso aqui minha gratidão e apresso aos professores e professoras que em cada modulo compartilharam seus saberes; bem como às amigas e amigos deste curso de especialização. Deus nos abençoe!

RESUMO

A abordagem desse trabalho tem como objetivo aprofundar a temática da PREVENÇÃO DAS DROGAS: papel da comunidade escolar. Inicialmente, dar-se alguns conceitos e tipos de drogas, logo após aborda-se sobre as drogas e a adolescência, a relação com a família e, finalizando, a prevenção do uso de drogas na escola. O tema que foi escolhido tem como base em pesquisa bibliografia e teve como principais autores:

Brasil (2012), Freitas (2002), Moreira (1995), Nery Filho (2002), Souza (2008), entre outros. Comentaremos sobre os projetos que já estão sendo desenvolvidos na escola por iniciativas de professores e alunos em conjuntos. Discutiremos as dimensões de prevenção de drogas no ambiente escolar. Colocaremos em questão os métodos que podemos usar para efetivar o projeto a escola, com ajuda de todos que estão trabalhando na instituição. A Escola mantém um bom relacionamento com os alunos e com as famílias desses alunos, que sempre procuram a escola e estão dispostos a acompanhar todos os passos dos seus filhos para um melhor rendimento dos mesmos nos estudos. Não temos informações com relação à quantidade de consumo de drogas na escola, mas é possível fazer uma estimativa através de enquetes para saber o que prevalece.

Palavras-Chaves: Adolescência. Drogas. Escola. Família.

ABSTRACT

The approach of this paper aims to deepen the theme of DRUG PREVENTION: role of the school community. Initially giving up some concepts and types of drugs, after we discuss about drugs and adolescence, relationships with family and ending the prevention of drug use in school. The theme chosen is based on literature research and had as main authors: Brazil (2012), Freitas (2002), Moreira (1995), Nery Filho (2002), Souza (2008), among others. We comment on the projects that are already being developed in school initiatives for teachers and students in sets. Discuss the dimensions of drug prevention in the school setting. Will put into question the methods we can use to accomplish the project the school, with the help of all who are working in the institution. The School maintains a good relationship with the students and families of these students, always looking for the school and are willing to follow every step of their children to a better performance of these studies. We have no information regarding the amount of drug use in school, but can be estimated via surveys to know what prevails.

Key Words: Adolescence. Drugs. School. Family.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – ABORDAGEM ACERCA DO CONCEITO E TIPOS DE DROGAS E USO POR ADOLESCENTES	11
1.1 CONCEITO DE DROGAS	11
1.2 OS TIPOS DE DROGAS E SEUS RISCOS	13
1.3 AS DROGAS E A HISTÓRIA DA HUMANIDADE	14
1.4 CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS	16
CAPÍTULO II - AS DROGAS NA ADOLESCÊNCIA	18
2.1 A ADOLESCÊNCIA E SUAS INFLUÊNCIAS	18
2.2 AS DROGAS DENTRO DAS ESCOLAS	19
2.3 A RELAÇÃO FAMILIAR	20
2.4 DROGAS E VIOLÊNCIA NA ESCOLA	22
CAPÍTULO III – PROTEÇÃO CONTRA AS DROGAS	27
3.1 FATORES DE PROTEÇÃO	27
3.2 ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO	29
3.3 PREVENÇÃO ÀS DROGAS NA ESCOLA	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

A abordagem desse trabalho tem como tema principal a prevenção de drogas nas escolas. Primeiramente vamos caracterizar a escola que está sendo destinado esse projeto, para fins de aprendizagem sobre o tabu desse tema que hoje em dia aflige muitas famílias brasileiras.

O tema que foi escolhido tem como base em pesquisa bibliografia e teve como principais autores: Brasil (2012), Freitas (2002), Moreira (1995), Nery Filho (2002), Souza (2008), entre outros. De acordo com Carneiro (2010), as drogas como fenômeno múltiplo, de utilizações diversas, com naturezas completamente distintas, que vão do uso cotidiano ao festivo, do uso ritual ao medicinal, e com intensos significados simbólicos e identitários, não são algo que se possa ser visto apenas como um 'problema' que exija 'solução'.

Na prevenção do uso das drogas a principal ferramenta do acolhimento é a escuta sensível, compromissada do educando, identificando suas reais demandas, ou seja, descobrindo o que ele precisa e como pode ajudá-lo. A ação preventiva deve está intrínseca as ações curriculares da escola, de forma que envolva os alunos na busca pelo tipo de vida saudável, e essa construção só é possível dentro do espaço escolar com o envolvimento de todos (CARLINI-COTRIM, 1998).

O consumo de bebidas alcoólicas entre jovens adolescentes tem crescido muito. Atualmente as campanhas vêm ganhando espaço em todos os meios de comunicação e demonstram as avarias que ocorrem no indivíduo com a utilização de drogas, principalmente as drogas ilícitas.

O presente trabalho busca analisar meios de se prevenir o uso de drogas em escolas.

CAPÍTULO I – ABORDAGEM ACERCA DO CONCEITO E TIPOS DE DROGAS E USO POR ADOLESCENTES

1.1 CONCEITO DE DROGAS

O Parágrafo Único do Art. 1º da Lei 11.343/06 define drogas como "substâncias ou os produtos capazes de causar dependências, assim especificados em lei ou relacionados em listas atualizadas periodicamente pelo Poder Executivo da União."

Segundo a Organização Mundial de Saúde - OMS (1981), "droga é qualquer substância que, não sendo produzida pelo organismo, tem a propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas, produzindo alterações em seu funcionamento".

A mesma Organização Mundial de Saúde (1981) também define o significado de drogas psicotrópicas: "aquelas que agem no sistema nervoso central produzindo alterações de comportamento, humor e cognição, possuindo grande propriedade reforçadora, sendo passível de autoadministração".

Da interpretação da definição exposta, fica clara nossa percepção de que drogas psicotrópicas são capazes de causar dependência. Um pesquisador francês chamado Chaloult dividiu as substâncias psicotrópicas, facilitando o seu estudo, sendo muito usada tal classificação na maioria da doutrina que trata a respeito de drogas. Desmembrou-as em: drogas depressoras, drogas estimulantes e drogas perturbadoras.

a) Drogas Depressoras: fazem com que o sistema nervoso central passe a funcionar mais vagarosamente. A pessoa fica desligada, desinteressada pelas coisas que acontecem ao seu redor. São exemplos de drogas depressoras o álcool, os soníferos, os ansiolíticos (exemplo: diazepam), opiáceos (morfina, heroína), e os inalantes (cola, removedores, tintas).

O álcool data de aproximadamente 6.000 a.C., como o vinho e a cerveja. Depois surgiram as bebidas destiladas, que, inicialmente foram até consideradas relaxantes, o que conseqüentemente causou problemas, haja vista o aumento no número de pessoas que passaram a consumi-las, pois o efeito causado pelo álcool e doses repetitivamente, ou seja, quanto maior a velocidade de sua ingestão, mais rápido seus efeitos e sua dependência..

b) Drogas Estimulantes: ao contrário das anteriores, o sistema nervoso central passa a funcionar com maior rapidez, chegando até mesmo a causar delírios. O usuário fica elétrico e não tem sono. São consideradas drogas estimulantes a cocaína, o crack e os anorexígenos.

O crack possui uma peculiaridade: assim que é fumado, alcança o pulmão, levando a uma absorção instantânea, chegando de uma forma muito rápida no cérebro, cerca de 15 segundos, porém seus efeitos também passam muito rapidamente, fazendo com que o usuário passe a consumir muitas vezes em menor espaço de tempo, causando a dependência das primeiras vezes em que é usado.

No Brasil, a cocaína é a droga mais usada na forma injetável. Há poucos anos atrás a maconha era considerada a porta de entrada para o mundo das drogas, porém esse quadro vem mudando, principalmente entre os mais jovens, onde se verifica que muitos adolescentes tem o primeiro contato já com a cocaína ou mesmo o crack.

c) Drogas Perturbadoras: esses tipos de drogas causam uma grande mudança no sistema nervoso central, podendo causar até mesmo estados psicóticos. Quem usa este tipo de droga fica fora do normal, muitas vezes perturbado. São perturbadoras o LSD, o êxtase e a maconha. Mesmo considerada por alguns uma erva inofensiva, segundo estudos do pesquisador Chaloult, a maconha, dentre outras, é uma dessas drogas capazes de causar esse tipo de reação em quem a utiliza. Os efeitos físicos da maconha são basicamente olhos vermelhos, boca seca e coração disparado. No aspecto psicológico, a maconha interfere na chamada memória rápida, fazendo com que o usuário esqueça várias coisas de seu dia-a-dia. Seu uso continuado afeta no procedimento de aprendizagem e de memorização das tarefas diárias.

1.2 OS TIPOS DE DROGAS E SEUS RISCOS

São várias as drogas em que adolescentes estão sujeitos a experimentar. Entre todas, serão apresentadas as que mais tem ganhado destaque na mídia, e as mais utilizadas por eles atualmente.

A maconha é conhecida há mais de 5.000 anos e vem sendo utilizada desde então, tanto por suas propriedades medicinais quanto por seus efeitos psicoativos, dando a sensação de bem estar. Ela é a droga menos perigosa e a que oferece menor risco de morte.

A cocaína é uma substância natural extraída das folhas da *Erytroxylon coca*, arbusto originário da região dos Andes, onde é muito comum no Peru, Bolívia e no Equador. Ela vem em forma de sal e é um estimulante muito perigoso, que atua no sistema nervoso provocando um estado de euforia e uma sensação de onipotência. A pessoa se sente mais ativa, podendo provocar derrames, atrofia cerebral, ataques cardíacos e aumentar a pressão arterial. O maior problema é que o efeito prazeroso da cocaína é relativamente rápido. Dura de 10 a 30 minutos e vem acompanhada de uma profunda depressão. Ela pode ser submetida a um processo químico e transformada em uma pedra, criando o crack, que quando é fumado, seu efeito é ainda mais rápido e mais intenso: leva menos de 10 segundos para atingir o cérebro e a dependência é bem maior.

O crack pode causar sérios danos nos pulmões causando a asma, hemorragia ou até edema pulmonar; provoca problemas respiratórios, tosse e perda de peso. Além dos riscos para a saúde, seu consumo também está bastante exposto ao crime e à violência. Segundo uma pesquisa realizada, cerca de 87% usuários da droga já se envolveram em atos violentos.

Nos últimos anos os esteróides anabolizantes, popularmente utilizados nas academias de ginástica para aumentar a massa muscular, também passaram a estar na lista das drogas que alteram o comportamento e causam dependência. São classificados como medicamentos, e não como substância ilícita, porém, a venda sem receita médica é proibida. O abuso dessas substâncias pode alterar o humor de acordo com o número de doses utilizadas, apresentando uma grande irritabilidade e

podendo ficar agressivos. Seu uso provoca tremores, acne, oleosidade do cabelo, retenção de líquido, dores nas juntas, redução do colesterol bom, aumento da pressão sanguínea, ataque cardíaco e tumores. Os usuários que utilizam a forma injetável correm o risco de compartilhar seringas infectadas e contrair Aids ou hepatite.

Enfim, além do álcool e do cigarro, são vários os entorpecentes que são atualmente usados continuamente pelos adolescentes, como estes, dados como exemplo. Muitas vezes, dependendo do tipo de droga, é extremamente difícil lutar contra essas substâncias, pois são muito fortes.

As evidências mostram que o índice de morte é maior em usuários de crack em relação a outros usuários de drogas. E um estudo realizado em 1993, mostrou que a mortalidade nos usuários do crack chega a 12% em apenas dois anos.

1.3 AS DROGAS E A HISTÓRIA DA HUMANIDADE

Carneiro (2010), através de uma análise história sobre o uso de substâncias psicoativas, afirma que as drogas (como são denominadas atualmente) foram importantes como analgésicos da dor física e espiritual da humanidade; além de fornecerem energia para atividades vitais em tempos mais remotos, como na caça e no combate. Deste modo, a questão das drogas não deveria ser vista como um problema em si, já que está associada à cultura humana desde tempos remotos.

Segundo o autor, na Grécia clássica o vinho era considerado uma grande realização cultural humana, e servia inclusive como um instrumento de educação ao cidadão, pois permitiria que se conhecesse melhor a si próprio. Deste modo, vários filósofos gregos falam sobre a temperança, que estaria relacionada ao uso correto, isto é, ao equilíbrio e a moderação na utilização desta droga. No âmbito da espiritualidade humana, o judaísmo sacralizou o vinho, dando início a seu uso enquanto instrumento de devoção; e posteriormente no cristianismo o vinho passa a encarnar a própria divindade.

De acordo com McKenna (1995), nas culturas pré-colombianas da América latina, diversas plantas com efeitos psicoativos eram usadas em rituais religiosos,

com o objetivo de promover uma aproximação entre o homem e o mundo espiritual. Para o autor, o uso de algumas espécies de fungos e vegetais alucinógenos, como o Peyote (*Lophophora williamsii*), os cogumelos do gênero *Psilocybe* (*Psilocybe mexicana*) e várias outras plantas, tinham uma importância muito mais fundamental daquela descrita por Carneiro. Para McKenna, o uso destas substâncias não está associado unicamente a efeitos analgésicos ou estimulantes, mas sim ao contato direto entre o homem e o mundo espiritual.

Em meados dos anos quarenta, iniciou-se um crescente interesse por parte da cultura ocidental pelos estados de consciência provocados por essas substâncias. Tal fato teve o seu ápice na década de sessenta e culminou com a política proibicionista norte americana denominada “guerra às drogas”. A descoberta do LSD (Dietilamida do ácido lisérgico) iniciou uma série de estudos em psicologia, com destaque ao extenso trabalho elaborado pelo psiquiatra Stanislav Grof. No entanto, a implementação da política proibicionista norte americana fez com que os estudos nesse campo fossem paralisados; e somente agora começam a ser gradualmente retomados.

No que diz respeito à questão econômica, segundo Carneiro (Op. Cit.), as drogas tiveram um poderoso impacto no desenvolvimento econômico da humanidade; o café, a cana-de-açúcar (matéria prima da aguardente), o ópio, o tabaco, o álcool, dentre outras, impulsionaram a economia mundial em larga escala em um período histórico não muito distante. Na atualidade, a indústria farmacêutica é responsável por um dos mercados mais lucrativos que existe; empregando milhões de pessoas e fazendo girar a roda da economia.

É importante observar, portanto, que a problemática do consumo destrutivo de drogas que se observa atualmente não está relacionada à droga em si, mas sim ao excesso. O autor afirma que localizar a fronteira que delimita o excesso é um desafio e completa afirmando que a questão do excesso não está relacionada exclusivamente à questão das drogas, mas à lógica consumista do mercado capitalista.

De acordo com Carneiro (2010),

As drogas como fenômeno múltiplo, de utilizações diversas, com naturezas completamente distintas, que vão do uso cotidiano ao festivo, do uso ritual ao medicinal, e com intensos significados simbólicos e identitários, não são algo que se possa ser visto apenas como um ‘problema’ que exija ‘solução’.

O aumento do consumo de substâncias psicoativas fez com que o antigo debate sobre a questão da temperança, isto é, do controle na utilização dessas substâncias. Segundo Carneiro (2010), o proibicionismo teve influência de correntes puritanas do metodismo e de outros grupos religiosos, resultando na atitude extrema da proibição do uso do álcool, do tabaco e de várias outras drogas recreativas num passado não tão remoto. No entanto, o autor afirma que os registros históricos de mais de dois milênios e meio, mostram que é possível fazer com que se prevaleça os valores da tolerância e da temperança; ao invés da determinação de natureza totalitária que obriga a abstinência a toda humanidade. Para o autor, a melhor forma de lidar com as drogas, portanto, é através da educação para um ideal de busca de autocontrole e da temperança. Isso significa que deve haver uma educação para o uso equilibrado e com a maior redução possível de danos eventuais.

1.4 CAUSAS E CONSEQUENCIAS

O consumo de drogas pode causar impactos profundos nas relações sociais e familiares do usuário. Quando o uso da droga se torna frequente, a pessoa deixa de sentir prazer em outros aspectos da vida, como o convívio com parentes e amigos. Toda a dinâmica familiar e social é afetada por esse comportamento, fragilizando os relacionamentos.

Segundo a psicoterapeuta familiar Eroy Silva, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), o uso abusivo do crack, geralmente, está associado ao isolamento, perda ou afastamento do trabalho, estreitamento do repertório social e problemas familiares como separações conjugais, deterioração da convivência e isolamento.

O usuário se afasta do círculo familiar e dos amigos e passa a maior parte do tempo sozinho consumindo a droga ou com pessoas que também fazem o uso. As relações são caracterizadas mais pelo consumo coletivo da droga do que por vínculos afetivos.

No casal, a relação de cumplicidade e o cuidado com o relacionamento deixam de existir - a droga passa a ser o centro das atenções. “O usuário de crack

não consegue se organizar, ter ritmo, ser constante. Além disso a depressão e a angústia o impedem de cuidar de outros e mesmo de estabelecer relações estáveis”, explica a psicóloga Raquel Barros, da ONG Lua Nova.

A perda da guarda de filhos é uma consequência comum. A criança precisa de cuidados especiais, ritmo e relações saudáveis para que possa se desenvolver. O uso constante de crack é inversamente proporcional aos cuidados necessários que um pai ou uma mãe devem dar, reforça.

Neste sentido, o resgate das relações de apoio e/ou dos vínculos familiares é aspecto importante para o tratamento e a reinserção social do usuário.

O uso do crack tende a fragilizar todas as pessoas que fazem parte da vida do dependente e sentimentos como desespero, angústia e medo acabam por permear as relações familiares. Diante da droga, muitas famílias acabam se escondendo e se culpando, pois têm de enfrentar mais problemas do que aqueles que já estão habituados a encarar. É um movimento que gera mais fragilidade e impotência e reforça ainda mais o espaço da droga na vida das pessoas, acredita.

Ela ressalta, entretanto, que essas situações são muitas vezes causa e consequência do uso da droga. Em relações frágeis, o uso do crack acaba potencializando a fragilidade e acentuando ainda mais as dificuldades que já existiam.

CAPÍTULO II - AS DROGAS NA ADOLESCÊNCIA

2.1 A ADOLESCÊNCIA E SUAS INFLUÊNCIAS

O consumo de álcool e drogas entre adolescentes tem crescido cada vez mais nos últimos anos, seja por influência de amigos, colegas de sala, entre outros. No presente capítulo será abordado sobre o uso de drogas na adolescência e suas influências.

De acordo com Freitas (2002, p. 37)

A adolescência é um momento crucial da vida de um homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento que começou com o nascimento. As modificações psicológicas que produzem nesse período e que são o correlato de modificações corporais levam a uma nova relação com os pais e o mundo.

A adolescência é uma fase turbulenta de transição da vida infantil para a vida adulta, onde são várias as mudanças e transformações biológicas e psicológicas que ocorrem nesse período. É um momento em que buscam sua identidade não somente se orientando com os pais, mas também nas relações que constroem em grupos de convivência, como na escola ou no bairro onde moram, por exemplo.

O adolescente anseia por novos prazeres e sensações, que muitas vezes o faz adotar comportamentos de risco sem levar em consideração os perigos envolvidos. É comum, portanto, que nessa fase, por curiosidade, pela busca de um prazer imediato ou até mesmo para se incluir em um determinado grupo, ele possa vir a experimentar substâncias psicoativas.

De acordo com Nery Filho e Torres (2002, p.31)

A droga aparece na adolescência muitas vezes como uma ponte que permite o estabelecimento de laços sociais, propiciando ao indivíduo o pertencimento a um determinado grupo de iguais, ao tempo que buscam novos ideais e novos vínculos, diferentes do seu grupo familiar de origem.

Se por um lado o jovem conquista autonomia em relação aos pais, por outro lado desenvolve um apego aos colegas e amigos, tendo comportamentos que façam com que seja aceito em um determinado grupo. Um adolescente inseguro, com baixa autoestima, ficará mais vulnerável à pressão dos amigos e aos modismos e poderá encontrar nas drogas uma forma de integração e de alívio para os conflitos internos, onde acreditam achar sua própria identidade.

O usuário sofre com as mudanças que ocorrem no corpo, no emocional e nos relacionamentos. Ao mesmo tempo em que não se identificam mais com o mundo infantil, eles ainda não têm acesso ao grupo de adultos, muitas vezes assumindo uma postura adulta sem estar preparado psicologicamente para enfrentar os desafios e as dificuldades dessa etapa de suas vidas. Diante dessa situação, alguns adolescentes podem buscar nas drogas uma alternativa de segurança que precisam para enfrentar o mundo adulto.

2.2 AS DROGAS DENTRO DAS ESCOLAS

Segundo uma pesquisa divulgada pela UNESCO, a escola é o local onde os jovens mais associam o consumo de drogas. Cerca de 40% dos alunos, ouvidos em 340 escolas públicas e particulares de 14 capitais brasileiras, disseram ter visto o uso de drogas nas proximidades da escola, e 30% presenciaram um colega usando drogas nas dependências da instituição. Outra pesquisa, realizada também pela UNESCO, relata que em aproximadamente 48% das escolas de São Paulo havia tráfico de drogas, e em cerca de 24%, o comércio circulava dentro da própria escola.

Com essas pesquisas, entende-se que há um grande consumo de drogas nas escolas e, ao contrário do que se imagina, não ocorre somente em escolas públicas. Há muitos casos que mostram que envolvem as escolas particulares de classe média alta também.

Tornou-se cada vez mais comum alunos se depararem com adultos na porta das escolas oferecendo entorpecentes para experimentarem de graça. No início pode parecer empolgante para os alunos, mas, dependendo da força do tipo de droga oferecida, serão obrigados a comprar das próximas vezes, devido à boa sensação que elas causam no organismo, tornando-se dependentes. A maioria dos alunos são supostamente influenciados também pelos próprios colegas da escola.

As drogas mais utilizadas pelos adolescentes são os solventes da maconha e anabolizantes. Mas os índices apontam atualmente um grande aumento no consumo de cocaína entre os estudantes brasileiros.

São muito poucas as instituições de ensino que estão preparadas para lidar de forma adequada com tráfico de drogas dentro de seus estabelecimentos. Muitas se deparam com situações de risco na escola e são obrigadas a não tomarem nenhuma atitude e abafar o caso, devido ao medo de sofrerem algum atentado, pois são vários os usuários nas escolas. Assim, essas situações permanecem dentro das escolas, e tendem somente a crescer.

2.3 A RELAÇÃO FAMILIAR

Mesmo a difícil fase da adolescência sendo passageira, ela precisa ser muito bem administrada pela família para que não produza efeitos emocionais e interfira no futuro da vida do adolescente. Assim, os pais precisam ter consciência que a adolescência pode ser um momento de muito conflito na mente dos jovens, e principalmente, estar atentos, pois um grave erro nessa etapa pode influenciar no resto da vida de seus filhos.

Pode-se dizer que alguns pais não sabem lidar com a situação dos filhos deixarem de ser criança para ser adolescente. Essa transformação pode ser tanto

complicada para o adolescente quanto para os pais que nunca lidaram com essas mudanças, gerando assim um conflito entre eles, que tendem a se intensificar quando ambos parecem não falar a mesma língua, devido ao autoritarismo dos pais e a rebeldia dos filhos. Essas discórdias de pensamentos dificultam o problema e, de repente, sem perceber, pais e filhos tornam-se estranhos dentro da mesma casa. Essa é a brecha que o adolescente “precisa” para se envolver nas drogas, juntando com todos aqueles fatores citados anteriormente.

Segundo especialistas, a dependência não precisa estar necessariamente associada à família, mas há comportamentos e situações familiares que podem facilitar o uso de drogas. Os pais, por exemplo, tem o papel de ensinar os filhos a lidar com as limitações e frustrações. A ausência de limites geram crianças inseguras e sujeitas a uma influência maior por parte do grupo. O divórcio também é apontado muitas vezes como um fator de desorganização que leva o adolescente às drogas. Especialistas observam, no entanto, que, não é a separação em si que desorganiza o adolescente ou a criança, mas a pressão provocada pela falta de respeito entre os pais, as acusações e os abusos verbais e físicos.

A descoberta de que o filho está usando drogas podem demorar anos. Segundo algumas pesquisas, os pais podem levar até cinco anos para descobrirem a dependência química dos filhos. Mudanças repentinas nos hábitos de um adolescente podem indicar a presença das drogas, porém, o tipo de droga utilizada, a frequência e a quantidade podem interferir nos sintomas. Mas o uso de drogas não significa necessariamente o desenvolvimento de uma dependência química, mesmo sendo muito provável que isso aconteça, é preciso estar atento à situação que o filho de fato de encontra.

No momento da descoberta, alguns pais acabam se culpando pelos fatos ocorridos, demonstrando ressentimento, raiva, vergonha e achando que tenham falhado e fracassado na educação de seus filhos. Mas não é bem por aí. Apesar de a relação familiar influenciar muito, o uso das drogas pode acontecer em famílias de qualquer classe social, felizes ou não.

Admitir que um familiar é usuário de drogas ou já desenvolveu um quadro de dependência química, é um processo extremamente doloroso. Nesse contexto, surgem muitas dúvidas, e pelo medo de tocarem nessa “ferida”, muitas vezes os

pais acabando fechando seus olhos, levando o problema para embaixo do tapete. Porém, o correto e aconselhável é aceitar e tentar levar o adolescente para a recuperação, pois a família é a base para qualquer pessoa e o apoio dela é fundamental.

A orientação familiar com o apoio e o diálogo e a compreensão são fundamentais para uma relação saudável, mesmo que pareça ser complicado compreender os adolescentes e educá-los corretamente. Mas a família com certeza é o centro para a recuperação dos dependentes químicos. Geralmente um dependente químico nega o problema, não reconhece as dificuldades provocadas pelo uso compulsivo de substâncias químicas e insiste que pode parar quando quiser. Assim, os familiares precisam usar o bom senso, buscando ajudas e as formas de tratamento, sem muito questionar. Não adianta o dependente químico mudar se a família também não mudar. É necessária a construção de uma relação amigável e sadia entre ambos para lidar com a situação, e somente depois buscar orientações para pessoas qualificadas, que ajudarão na resolução do problema.

Porém, a melhor arma contra o uso de entorpecentes continua sendo a prevenção. E a melhor maneira de prevenir esse tipo de atividades é através das orientações. Os pais são responsáveis pelos seus filhos, e a todo o momento devem estar atentos às modificações de comportamentos, ao acompanhamento de seus filhos desde a infância, seja na escola, no bairro e em todos os lugares que eles frequentam. Todo esse acompanhamento deve ser realizado com muita cautela e diálogo em todas as fases da vida dos filhos, para que não sejam desencadeados problemas mais graves mais tarde. Prevenir é sempre a melhor solução.

2.4 DROGAS E VIOLÊNCIA NA ESCOLA

É importante analisarmos que as drogas e a violência nas escolas não vêm desacompanhadas de outros fatores. Não é algo que surge e termina dentro da sala de aula. É apenas uma das facetas dos variados tipos de violência que acercam o jovem diariamente: a violência familiar, social, estatal, verbal, física, comportamental,

entre tantas outras. O aluno influenciado por tipos de violência em casa ou na rua, passa a ser um meio de transporte para que esta violência adentre as escolas.

O consumo de drogas, lícitas e ilícitas, é percebido, pelos próprios jovens e por outros envolvidos com o processo educacional, como um dos mecanismos deflagradores da violência ou como fuga, de algum modo, de sentimentos e problemas com relação a outras pessoas (ABRAMOVAY, 2002, p. 26)

A autora Miriam Abromovay (2002) argumenta sobre o uso indevido das drogas lícitas, tais como o álcool e o cigarro, e ilícitas, como a maconha, o crack, os inalantes, como a loló, dentre outros. Onde esta juventude usam e abusam destas substâncias psicotrópicas nas escolas. Onde estes dizem consumir por prazer, por revolta e até mesmo como uma forma de fugir da realidade do mundo, e mesmo tendo conhecimento dos malefícios que as drogas causam, mas acreditam que a informação seja a melhor arma contra o consumo de drogas.

O assunto é vasto e merece muitas discussões e reflexões. Contudo, para o professor, além de combater as causas, é de imediata importância também entender e tentar controlar suas consequências. Muitos alunos usam e comercializam drogas dentro e nas proximidades da escola. Isso também atrai maus elementos para os arredores das instituições.

Se as formas aparentes da violência são de fácil percepção, as formas psicológicas ocasionadas por ameaças, humilhações, intimidações, rejeição e desrespeito, nem sempre são percebidas e, muitas vezes, podem ser ainda mais graves. A invisibilidade desse tipo de agressão contribui para gerar um ambiente de segregação dentro das escolas, com grupelhos que marcam seu campo e seu espaço pela violência.

Todas essas considerações são analisadas no âmbito desse trabalho, tendo como foco primordial, analisar especificamente a violência nas escolas, uma vez que a escola é uma instituição que tem como objetivo socializar e re-socializar os indivíduos, para viverem e reproduzirem determinadas relações. Dessa forma, é no campo da educação que se faz imprescindível fazer o levantamento da situação

atual e apresentar opções que possibilitem solucionar os problemas que afetem negativamente a escola e os meios a ela relacionados.

Particularmente observa-se, dentro das escolas, crianças e adolescentes cometendo infrações que se caracterizam por agressões verbais, físicas, pichações, bullings, e furtos, sem nenhuma causa aparente que justifique tais ações ou comportamentos.[...] (SOUSA, 2008, p. 36)

A autora se preocupa com os padrões de comportamentos por parte dos alunos nas escolas, onde esta violência chega a preocupar as autoridades públicas como também as instituições educacionais. Observando suas causas e consequências, onde estes jovens sendo vítimas desta violência, além de reproduzi-las, podem reagir através de mudanças bruscas de comportamentos.

Para o corpo discente a violência representa não somente a agressão física, simbolizada pelo estupro, brigas em família, mas também a falta de respeito entre as pessoas. Enquanto que para o corpo docente a violência está ligada ao descumprimento das leis e da falta de condições materiais da população, associando a violência à miséria, à exclusão social e ao desrespeito ao cidadão.

Tanto educadores, pais e alunos se veem às voltas com a perda contínua da qualidade do ensino, baixo aproveitamento escolar e a mais grave das consequências proporcionada pela violência: O descrédito institucional representado pela perda da segurança dos pais em deixar seus filhos em um estabelecimento educacional.

Conter o comportamento destrutivo de um segmento da sociedade requer investir em Instituições próprias para este fim, e isto não se trata de exclusão, mas de garantir o que diz a carta constitucional para todos em direitos e obrigações e com isto preservar os bons cidadãos.

A autora enfatiza que é necessário um olhar mais crítico não só das autoridades, como também da sociedade de um modo geral onde as

estatísticas crescem cada vez mais e poucas são as providências executadas no âmbito escolar.

A falta de estudos interdisciplinares sobre este tema só vem a auxiliar este grave problema, pois com profissionais capacitados nesta área fica bem mais fácil identificar e trabalhar para lograr êxito em seus objetivos.

Os principais motivos que levam um indivíduo a utilizar drogas são: curiosidade, influência de amigos (mais comum), vontade, desejo de fuga (principalmente de problemas familiares), coragem (para tomar uma atitude que sem o uso de tais substâncias não tomaria), dificuldade em enfrentar e/ou aguentar situações difíceis, hábito, dependência (comum), rituais, busca por sensações de prazer, tornar (-se) calmo, servir de estimulantes, facilidades de acesso e obtenção e etc.

Pesquisas indicam que uma grande massa de jovens das diversas cidades brasileiras e mesmo na zona rural, tem acesso fácil às drogas legais e ilegais, sendo que a primeira experiência com estes produtos acontece frequentemente na pré-adolescência. O resultado dessa situação reflete-se em problemas graves, como o aumento da violência urbana e rural, da evasão e da repetência escolar além da baixa produtividade e qualidade de vida.(...) (GUEDES, 2013, p. 16)

O autor Deusimar W. Guedes mostra a sua preocupação com o uso indevido das drogas, principalmente no âmbito escolar, pois, segundo ele, os traficantes percebem o mercado promissor representado pela rede de ensino público e privado. Onde os jovens se tornam uma presa fácil para o aliciamento ao uso de entorpecentes.

O que muito acontece na verdade é que os grandes incentivadores da droga nas escolas são os próprios alunos que não sabem muito sobre as drogas e acabam se tornando usuários e assim fazendo outros alunos utilizarem também. As escolas estão passando a introduzir palestras e estão se empenhando mais para informar suas crianças e adolescentes do mal que as drogas podem causar.

O assunto é vasto e merece muitas discussões e reflexões. Contudo, para o professor, além de combater as causas, é de imediata importância

também entender e tentar controlar suas consequências. Para isso, muitas possíveis soluções estão sendo apontadas a fim de que esse sério problema seja resolvido. Uma das ações que melhores resultados tem mostrado é a boa gestão da escola, ou seja, a vontade dos diretores e dos professores de mudar o quadro depredado da escola.

CAPÍTULO III – PROTEÇÃO CONTRA AS DROGAS

3.1 FATORES DE PROTEÇÃO

Andretta e Oliveira (2005) comentam que dentro da premissa de proteção, uma das tarefas de quem atua na atenção aos adolescentes que usam drogas é determinar que fatores possam ser evidenciados pela técnica e pela experiência como relevantes para promover seu crescimento saudável e evitar que corram riscos de dependências e de acirramento de problemas sociais. Cabe ressaltar que os fatores de risco e de proteção devem ser tratados como variáveis independentes, pois podem afetar o comportamento sem que haja, necessariamente, uma complementaridade entre eles.

O estudo de Timm (2009) aborda dois mecanismos através dos quais os fatores de proteção podem reduzir o risco do uso de drogas pelo adolescente. O primeiro é um mecanismo risco/proteção por meio do qual a exposição aos fatores de risco é moderada pela presença de fatores de proteção. O outro é um mecanismo proteção/proteção segundo o qual um fator potencializa outro, tornando o seu efeito mais forte.

Timm (2009) relata que adolescentes que têm objetivos definidos e investem no futuro apresentam probabilidade menor de usar drogas, porque o uso interfere com os seus planos. Igualmente, a elevada auto-estima, os sentimentos de valor, orgulho, habilidade, respeito e satisfação com a vida podem servir de proteção aos jovens contra a dependência de drogas quando combinada com outros fatores protetores do seu contexto de vida. Sendo assim, adolescentes que vivem em ambientes familiares ou em comunidades onde há uso abusivo de drogas e conseguem não se deixar influenciar por esse contexto apresentam características individuais protetoras conjugadas ao convívio com outros adultos cuidadores escolhidos por eles, fora do ambiente familiar.

Schenker e Minayo (2005) comentam que o âmbito familiar tem um efeito potencialmente forte e durável para o ajustamento infantil. O vínculo e a interação familiar saudável servem de base para o desenvolvimento pleno das potencialidades das crianças e dos adolescentes. Inúmeros estudos mostram que os padrões de relação familiar, a atitude e o comportamento dos pais e irmãos são modelos

importantes para os adolescentes, inclusive no caso do uso de drogas. Uma interação familiar gratificante é um forte fator protetor, quando esses são capazes de prover um contexto amoroso, afetuoso e de cuidado.

No âmbito da família, Paiva e Ronzani (2009) evidenciam como fatores que protegem o adolescente do uso de drogas: a relevância dos vínculos familiares fortes; o apoio da família ao processo de aquisição da autonomia pelo adolescente; o monitoramento parental aos diversos processos de crescimento e desenvolvimento; o estabelecimento de normas claras para os comportamentos sociais, incluindo-se o uso de drogas.

No entanto, conforme Almeida (2008), sabe-se que grupos de amigos com objetivos e expectativas de realização na vida e movimentos que levam ao protagonismo juvenil e à solidariedade têm papel fundamental numa etapa existencial em que as influências dos pares são cruciais.

Soldera (2004) descreve que a escola é um poderoso agente de socialização do adolescente, por juntar em seu interior a comunidade de pares e por ter fortes instrumentos de promoção da auto-estima e do desenvolvimento em suas mãos, o ambiente escolar pode ser um fator fundamental no potencial da resiliência dos adolescentes.

No que concerne aos fatores estressantes da vida, como morte, doenças ou acidentes entre membros da família e amigos; mudanças de escola ou de residência; separação, divórcio ou novos casamentos dos pais; problemas financeiros na família, estudos como Schenker e Minayo (2005) mostram que eles podem influenciar o uso abusivo de drogas quando associados os outros fatores predisponentes, incluindo-se disposições individuais. No entanto, conforme as circunstâncias individuais e ambientais, eles permitem elaboração e crescimento interior dos jovens, constituindo-se em elementos de fortalecimento e de amadurecimento.

Paiva e Ronzani (2009) comentam que os adolescentes são consumidores ávidos da mídia escrita e audiovisual. As mensagens recebidas desses meios geralmente influenciam sua tomada de decisão a respeito de vários assuntos em sua vida. Entretanto, a reflexão crítica deles entre pares e com pais e educadores moderam o risco potencial da exposição e potencializam a comunicação e o amadurecimento em relação aos vários problemas, inclusive sobre o uso de substâncias ilícitas.

Segundo Paiva e Ronzani (2009) fumar, beber, dirigir perigosamente ou exercer atividade sexual precocemente podem ser atitudes tomadas pelo jovem visando ser aceito e respeitado pelos pares. Conseguir autonomia em relação aos pais, repudiar normas e valores da autoridade convencional, lidar com ansiedade, frustração e antecipação do fracasso, afirmação rumo à maturidade e à transição da infância e à idade adulta. Não há nada de perverso, irracional ou psicopatológico nesses objetivos: eles são característicos do desenvolvimento psicossocial. A campanha 'diga não às drogas', por não oferecer alternativas à promoção de comportamentos saudáveis, revela-se contraditória, na medida em que omite as normas sociais que favorecem o uso de drogas.

3.2 ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO

Segundo Almeida et al. (2008), o adolescente que faz uso de drogas responde bem às intervenções contextualizadas. Os contextos dominantes para ele são seus pares e a escola e, numa proporção menor, o entorno da comunidade. Para crianças menores, o contexto principal é a família, que continua igualmente importante na adolescência.

O uso ocasional de droga por adolescentes pode ser entendido como manifestação de uma experimentação apropriada para sua etapa de desenvolvimento e busca de direção para a vida. Não se espera que adolescentes saudáveis abusem da droga, porque apresentam baixa necessidade de utilizá-la para aplacar a angústia emocional ou como meio de compensar a falta de relações importantes. Os autores comparam o sentido do uso da maconha entre adolescentes de hoje com o significado social e psicológico que a bebida alcoólica teve para gerações anteriores. (Paiva e Ronzani, 2009)

Schenker e Minayo (2005) indicam que as condições de formação de uma personalidade resiliente são: colocar expectativas claras relativas ao comportamento; monitorar e supervisionar os adolescentes; reforçar com consistência atividades que favoreçam a socialização; criar oportunidades para o envolvimento familiar; promover o desenvolvimento das habilidades acadêmicas e sociais dos jovens.

No entanto, Wagner e Oliveira (2007) citam que as habilidades para a formação de jovens deveriam fazer parte de um processo de formação de pais e educadores. A aquisição e o uso dessas habilidades na administração da família ou dos contextos educativos reduzem problemas de comportamento das crianças nos primeiros anos, promove o bom desempenho escolar e as fortalece para lidarem com condições adversas.

Pela força da escola e da família nessa etapa da vida, para os pré-adolescentes e adolescentes é fundamental que pais e educadores estejam atentos a alguns parâmetros relacionais. Segundo Almeida et al. (2008): uma comunicação livre e fluente com os pais ou com adultos que lhes serve de modelo fortalece emocionalmente o jovem e evita o engajamento em comportamentos de risco; elogios dos pais às conquistas dos filhos e dos educadores a seus estudantes é o alimento da auto-estima; a colocação de expectativas claras por parte dos pais e professores, aliada a uma educação com autoridade, que envolve afeto, controle e trato democrático, favorece o desenvolvimento psicológico saudável e o sucesso escolar do adolescente; o monitoramento das atividades dos jovens, seja por pais ou educadores, mostra que eles estão investindo na segurança dos jovens; o compartilhamento de valores, atitudes e crenças sobre as drogas (caso em pauta aqui) são fundamentais para o amadurecimento das decisões e da responsabilização; conhecer os amigos e os pais dos amigos dos filhos é crucial, uma vez que a pressão dos pares é uma das principais influências para o uso de drogas; exigências e expectativas quanto ao desempenho na escola funcionam como um tipo de monitoramento e de proteção, na medida em que se juntam ao encorajamento de atividades em que o jovem possa ter sucesso; o incentivo ao engajamento nas atividades da escola, da comunidade e de movimentos sociais ou de solidariedade é um potente fator protetor.

Esses autores relatam à necessidade de intercomunicação com o adolescente, os pais, a família e a comunidade. Já que a influência dos pais diminui à medida que as crianças crescem, o dito popular 'quanto mais cedo melhor' deve guiar os programas de intervenção. O risco precisa ser entendido, de forma a incluir a complexidade dos fatores e, portanto, a redução do risco requer tanto mudanças subjetivas quanto sociais.

Dessa forma, é necessário ter sensibilidade para compreender e valorizar a história pessoal, o estágio de vida do indivíduo, as normas culturais, as crenças e

práticas no que concerne ao uso de drogas, bem como os contextos sociais e da comunidade onde esse uso ocorre.

3.3 PREVENÇÃO ÀS DROGAS NA ESCOLA

O diálogo se faz necessário entre a escola e a família ante as intervenções referentes à saúde dos educandos; procurando construir novas perspectivas podemos observar entre elas a prevenção das drogas na adolescência. Jeolás e Fewrrari, (2004) ressalta como é importante o trabalho realizado conjuntamente com a escola e a família.

Moreira, et al, (2006), salienta que a Organização das Nações Unidas viram na educação uma abordagem preventiva, elas apoiam que o espaço escolar é o ambiente principal para a realização de estratégias para a prevenção de drogas.

A carta de Otawa em seus princípios sugere a escola como instrumento promotor de saúde, Soares e Jacobi (2000) salientam a seriedade da instituição escolar como ambiente privilegiado para se realizar trabalhos sobre a prevenção de drogas pela probabilidade de acesso maior de jovens e pelo caráter educacional de seu trabalho.

Estes autores, ressaltam que as escolas devem se afastar de conteúdos inflexíveis e passar a ver estes assuntos como os educandos os percebem, acrescentando as precisões e a ação que aparece no dia-a-dia escolar aos aprendizados preventivos.

A escola é um espaço potencialmente propício para a construção da vida em uma sociedade democrática, é o primeiro palco de experiência de vida comunitária fora da família. A escola é onde começa a vida em sociedade e, portanto, deve abordar a temática das drogas, Neste contexto, pois, além de representar espaço protegido, também permite assumir responsabilidades coletivas no aprendizado das relações democráticas, base da constituição do sujeito cidadão. (CURSO PARA A PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS PARA EDUCADORES DAS ESCOLAS PUBLICAS, 2012, p. 76)

De acordo Carlini-Cotrim (2002) existem dois modos de enfrentar o uso e excesso de drogas: a primeira que instiga a proibição, pela redução da oferta, com dados que se assinalam pelo apelo moral e cultivo de medos, persuadindo os

indivíduos levando-os à abstinência; a segunda é a diminuição de avarias, com propostas como: proporcionar alternativas, educação para a saúde e transformações das classes de ensino.

Atualmente, as campanhas vêm ganhando espaço em todos os meios de comunicação e demonstram as avarias que ocorrem no indivíduo com a utilização de drogas, principalmente as drogas ilícitas. Evidenciam os meios de valorizar a vida, através de atividades físicas melhorando a qualidade de vida. Para Moreira et al. (2006) as interferências preventivas sobre as drogas que são bem-sucedidas são as que propendem aumentar o espaço físico e social, dando destaque à saúde como um todo e acercando-se do conceito de promoção de saúde.

As drogas estão presentes no cotidiano e é um fenômeno que vem aumentando assustadoramente, tornando as famílias brasileiras reféns dos efeitos provocados pela ação devastadora do uso de entorpecentes. Podemos notar que sua permanência em nossa sociedade não é simples, é algo que só vem trazer diversos problemas, tanto para o usuário, como para as pessoas mais próximas do dependente.

A escola e o seu entorno são alvos cobiçados por quem vende drogas. O público que esses locais oferecem por serem em maioria crianças e adolescente é um chamariz para o envolvimento com o ilícito, por serem pessoas em formação de personalidade e que para demonstrar autonomia tornam-se muitas vezes influenciáveis por indivíduos de má índole, os quais usam todas as artimanhas possíveis e imagináveis para iludir e conseguir introduzir as drogas no mundo de crianças e adolescentes.

A escola vem enfrentando vários problemas devido ao envolvimento dos alunos com as drogas. Podemos destacar o desenvolvimento escolar dos mesmos, a violência, a evasão escolar, a falta de estímulo pelos estudos, conflitos familiares.

De acordo com Soibelman (2003),

(...) muitas pesquisas sobre o uso de drogas, revelam que o primeiro contato ocorre na maioria das vezes na escola, destacando que um dos fatores que vem a influenciar o consumo é a falta de informação sobre o efeito das drogas. Esta constatação traz para a escola a responsabilidade de abordar o assunto em sala de aula, pois todo o público escolar está de alguma forma em contato com essa situação.

Quando se atua no âmbito da promoção da saúde e da prevenção do uso das drogas na escola, refere-se a um processo que procura criar condições para que

as pessoas aumentem sua capacidade de controlar os fatores determinantes a saúde.

Nessa perspectiva, engloba também ações de educação que propiciam a manutenção da saúde, orientações e esclarecimento sobre o uso do álcool e das drogas.

A articulação de políticas públicas da educação e da saúde é fundamental para identificar possibilidade de intervir na realidade e fortalecer o enfrentamento da vulnerabilidade no contexto da escola, da saúde e das drogas.

A escola não está sozinha no cuidado de crianças, adolescentes e jovens. Ela pode contar com a colaboração dos programas e projetos. Portanto, as políticas públicas atuais, por meio de seus programas e ações voltadas para a educação e saúde, identificam a escola como o principal lugar para as ações de intervenção. Estas políticas visam reduzir os riscos e as vulnerabilidades à saúde e oportunizar a aprendizagem e o desenvolvimento humano.

A saúde comunitária implica uma postura mais aberta por parte de todos os profissionais para a realização de um trabalho extra-escolar na comunidade. Essa postura inovadora dá origem a um novo eixo de ação que relaciona os problemas de saúde as questões sociais daí a importância da participação de todos, principalmente dos adolescentes, pois a medida que insere os jovens as ações preventivas assumem uma natureza diferente e mais abrangente. Dessa forma a ação comunitária e a cooperação cuja a força se dá no estabelecimento de uma corrente solidária possibilitando a realização de ações que sustentem um objetivo comum que é a prevenção ao uso das drogas.

É importante ressaltar que as escolas estão em posição privilegiada para promover e manter a saúde de crianças, adolescentes, educadores, funcionários da escola e comunidade do entorno. Estas tarefas podem ser potencializadas por intermédio dos programas e projetos que envolvam toda a comunidade escolar, sobretudo, os jovens.

No processo democrático, os direitos humanos e sociais encontram no direito à educação pública universal de qualidade, sua base edificadora. Esse diálogo aproxima a educação das questões sociopolíticas e faz com que a escola se corresponsabilize também pelo desenvolvimento humano integral como forma de garantir a aprendizagem. Para isso, é preciso ampliar o tempo de permanência do estudante na escola, uma vez que, via de regra, os adultos responsáveis pela

educação da criança e do adolescente inseridos no mercado de trabalho ausentam-se de casa por oito horas durante os dias úteis.

Segundo Cara, “a educação integral é condição necessária para garantir qualidade na educação e deve ter prioridade no orçamento público.” A educação integral deve ser tratada como necessidade para que haja educação de qualidade, deve ser prioridade orçamentária de cada governo para que ela aconteça e modifique a realidade social.

Portanto, é necessário compreender o jovem no contexto ao qual ele pertence, considerando todas as relações existentes: família, escola, amigos, etc. A atual Política Nacional de Educação e Política Nacional sobre as Drogas do Brasil consideram a escola como um espaço fundamental para acolher crianças e adolescentes vulneráveis, por meio da criação de espaço que possibilite a garantia de direitos e o desenvolvimento integral dos alunos oferecendo recursos pedagógicos, assistências culturais e a promoção de saúde com vistas à prevenção do uso do álcool e outras drogas e acompanhamento de riscos associados.

Na prevenção do uso das drogas a principal ferramenta do acolhimento é a escuta sensível, compromissada do educando, identificando suas reais demandas, ou seja, descobrindo o que ele precisa e como pode ajudá-lo. A ação preventiva deve está intrínseca as ações curriculares da escola, de forma que envolva os alunos na busca pelo tipo de vida saudável, e essa construção só é possível dentro do espaço escolar com o envolvimento de todos (CARLINI-COTRIM, 1998).

Os profissionais envolvidos nas ações preventivas devem está bem preparados e integrados nas redes profissionais para que haja uma troca de experiência e promovam uma solidariedade diante das dificuldades. Utilizar o trabalho comunitário para construção de redes sociais mostrando que prevenção é função de todos os cidadãos. Todas as pessoas envolvidas tem um papel a desempenhar com o objetivo de articular e sustentar a rede social, onde o saber popular e acadêmico constrói um saber comum a todos. As redes sociais oferecem um relevante suporte, centrado na integração que se estabelece em torno do objetivo comum que o grupo tem.

A implantação de redes sociais está voltada para a promoção da saúde sem reduzir o objetivo à questão específica das drogas, ou seja, caminhar articulados reforçando os vínculos afetivos, aprendizados e construções coletivas.

O trabalho desenvolvido nas redes sociais tem que está pautado no acolhimento, cooperação, disponibilidade e respeito às diferenças étnicas econômicas e sociais, tolerância e generosidade.

Precisamos adotar ações preventivas no intuito de educar o indivíduo para assumir atitudes responsáveis. O trabalho de prevenção ao uso das drogas aborda os seguintes enfoques: Prevenção universal que é dirigida à população em geral, Prevenção seletiva que é dirigida a grupos específicos da comunidade escolar e Prevenção indicada que é planejada para pessoas que apresentam primeiros sinais do uso das drogas.

A prevenção é a melhor forma de lidar com essa questão, assim a escola vem sendo apontada como local primordial para o início dessas atividades (SILVA et. al. 2008).

A criança e o adolescente enquanto cidadãos devem ser respeitados em sua condição de seres em desenvolvimento que exigem situações especiais de proteção para a garantia da saúde integral (ECA). É considerada situação de risco toda ou qualquer condição ou contexto de vida que coloque em jogo a satisfação das necessidades básicas para seu desenvolvimento e potencialidades.

Na perspectiva sistêmica e da complexidade, há seis níveis de dependências: Dependência dos efeitos, relacional efetiva, relativa ao contexto de distribuição de drogas, dos fornecedores do dinheiro, dos pares e do contexto do consumo e de crenças.

O dependente de drogas não é um indivíduo isolado, ele vive com parceiros que garante seu provimento e sustento, ou seja, dependente de droga tem relação com o fornecedor e o financiador.

A intervenção sistêmica desloca-se do indivíduo para sua condição de inserção e de pertencimento nos diferentes contextos em que ele estabelece suas relações efetivas e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho monográfico teve como objetivo desenvolver um estudo sobre a prevenção do uso das drogas nas escolas e fazer com o tema seja discutido de forma mais ampla e dinâmica, para que todos os alunos, pais e professores sejam motivados a participar de atividades organizadas sobre a temática das drogas e estudar, distinguir e transformar o aluno em um agente ao combate das drogas.

Por esse motivo, o tema da prevenção das drogas nas escolas é importante, para disseminar entre os adolescentes o conhecimento de cada tipo de drogas, o que elas fazem com o organismo e se um aluno já tiver algum problema com as drogas, a escola auxiliar o aluno com o consentimento dele a se tratar.

Toda essa abordagem tem que ser feita em conjunto com todos os professores e ajuda da coordenação escolar e sua direção, para que o resultado seja evidente e se amplie de modo a formar uma nova geração com princípios próprios e conhecimento do que é bom para si e não serem influenciados pelo domínio do poder alucinógenos das drogas, que são uma falsa realidade durante os efeitos.

Mais que uma temática a ser desenvolvida, é preciso conquistar os alunos, e reverter esse triste trajeto em que se encontra a nossa juventude, sabendo que “ainda há tempo”; que os adolescentes não vão para as drogas porque simplesmente querem, e sim por falta de informações, falta de conhecimento. E cabe também a nós professores tentar entender a mente de um adolescente, já que não faz muito tempo que saímos dessa fase, propondo soluções cabíveis, e sempre levando o conhecimento a onde quer que seja.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. *Violências nas escolas*. Brasil: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.
- ANDRETTA, I.; OLIVEIRA M. da S. Motivação para mudança em adolescentes usuários de maconha: um estudo longitudinal. Faculdade de Psicologia - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - RS – Brasil, 2005.
- BRASIL, Curso Para A Prevenção do Uso de Drogas para Educadores das Escolas Publicas, Universidade de Brasília; 2012.
- CARNEIRO. H. S. , As drogas e a história da humanidade. In: Psicologia, ciência e profissão. Ano 6, nº 6, Novembro, 2010.
- CARLINI-Cotrim, B. Drogas na escola: prevenção, tolerância e pluralidade. In J. G. Aquino (Org.), Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus Editorial. 2002.
- FREITAS, L.A.P. Adolescência, família e drogas: a função paterna e a questão dos limites. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. 103p.
- Guedes Deusimar W. O COMBATE AS DROGAS ESTÁ ERRADO. 2013
- JEOLÁS, L. S., & Ferrari, R. A. P. Oficinas de prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e conhecimento compartilhado. Ciência e Saúde Coletiva, 2003.
- MCKENNA, T. , O alimento dos deuses. Rio de janeiro: Record, 1995.
- MOREIRA, F. G., Silveira, D. X., & Andreoli, S. B. Redução de danos do uso indevido de drogas no contexto da escola promotora de saúde. Ciência e Saúde Coletiva, 2006.
- NERY FILHO, A.; TORRES, I.M. A. P. (Org.). A família, os adolescentes, os meninos de rua e as drogas. In: _____. Drogas: isso lhe interessa? Salvador: CETED, 2002. p. 28-34.
- PAIVA , F. S. de; RONZANI, T. M. Estilos parentais e consumo de drogas entre adolescentes: revisão sistemática. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 14, n. 1, p. 177-183, jan./mar. 2009.
- SOUZA, Mirian Rodrigues de. Violência nas escolas: causas e consequências. Caderno Discente do Instituto Superior de Educação, Ano 2, n. 2, 2008.